



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
PLANO NACIONAL DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES DA EDUCAÇÃO
BÁSICA – PARFOR
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA

IDA CONCEIÇÃO DE NÓVOA BRAZÃO

AFETIVIDADE E SUAS IMPLICAÇÕES NO PROCESSO DE ENSINO E DE APRENDIZAGEM EM UM CENTRO DE EDUCAÇÃO INFANTIL NO MUNICÍPIO DE CASTANHAL (PA): uma análise a partir dos discursos docentes.

CASTANHAL – PA

2018

IDA CONCEIÇÃO DE NÓVOA BRAZÃO

AFETIVIDADE E SUAS IMPLICAÇÕES NO PROCESSO DE ENSINO E DE APRENDIZAGEM EM UM CENTRO DE EDUCAÇÃO INFANTIL NO MUNICÍPIO DE CASTANHAL (PA): uma análise a partir dos discursos docentes.

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Universidade Federal do Pará, como requisito parcial para a obtenção do Grau de Licenciado Pleno em Pedagogia, sob a orientação do mestre Rubenixson Ribeiro Farias.

CASTANHAL – PA

2018

IDA CONCEIÇÃO DE NÓVOA BRAZÃO

AFETIVIDADE E SUAS IMPLICAÇÕES NO PROCESSO DE ENSINO E DE APRENDIZAGEM EM UM CENTRO DE EDUCAÇÃO INFANTIL NO MUNICÍPIO DE CASTANHAL (PA): Uma análise a partir dos discursos docentes.

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Universidade Federal do Pará, como requisito parcial para obtenção do Grau de Licenciado Pleno em Pedagogia.

Aprovada em: 28/ 12 / 2018

BANCA EXAMINADORA:

Prof. Rubenixson Ribeiro Farias

Prof. Carlos Renilton Freitas Cruz

CASTANHAL – PA

2018

DEDICATÓRIA

Dedico esse trabalho a todos aqueles que acreditam que só o amor pode transformar as pessoas. A Deus que com seu amor incondicional faz o sol brilhar para todos a cada amanhecer, aos meus filhos e a minha família que são a prova de que o amor existe e é real em nosso viver.

AGRADECIMENTOS

Sou grata ao Senhor porque sei que com Ele posso realizar todos os meus sonhos.

A minha mãe por todo apoio e dedicação, alguém que sempre foi a minha referência.

Sou grata a minha filha Aline e ao meu esposo Antonio que sempre me incentivaram nos momentos de cansaço e desânimo.

Agradeço a minha amiga e irmã na fé Rejane que contribuiu com suas ideias e com a revisão do texto. Obrigada pela sua disponibilidade e amorosidade comigo.

Sou grata ao meu orientador que abraçou a minha causa quando estava prestes a desistir e que com muita dedicação acompanhou todo o processo da realização dessa pesquisa.

Agradeço ao gestor e coordenadora do CMEI Benedito Rufino, que sempre se dispuseram em contribuir para que minha pesquisa de campo fosse um sucesso.

Um agradecimento especial às professoras Josivane e Cássia escolhidas para participar de minha pesquisa, sem elas não poderia realizar o meu trabalho e com certeza não descobriria a importância desse tema para o desenvolvimento cognitivo e social.

A todos os professores formadores que ao longo desses anos se dispuseram a compartilhar seus saberes com muita dedicação. Vocês merecem todo o meu carinho.

A todos os amigos e amigas que conquistei e tive o privilégio de conviver durante essa caminhada e especialmente as minhas amigas do coração Francineide, Roseane e Erenilde que são parte dessa vitória, obrigada por tornarem essa caminhada mais leve, por todos os momentos juntas que jamais esquecerei. O meu agradecimento especial a vocês.

A todos afetuosamente o meu muito obrigada.

“Um músico pode tocar pela simples compreensão técnica da partitura ou pela emoção do seu coração musical. Quando toca pela leitura puramente racional, ele executa de forma eficaz e inteligível as notas musicais. Mas quando a música soa com a ajuda das suas emoções, ele pode transformar também as notas musicais em sentimentos; elas ganham vida própria, afetam-nos e registram-se em nossa memória mais facilmente”.

Antônio Eugênio Cunha

RESUMO

A presente pesquisa tem como tema central Afetividade e Suas Implicações no Processo de Ensino e de Aprendizagem em um Centro de Educação Infantil no Município de Castanhal (Pá): uma análise a partir dos discursos docentes. Nesse sentido, a minha pesquisa teve como objetivo principal abordar a importância da relação afetiva e entender como essa relação pode contribuir no processo de ensino e aprendizagem, considerando as teorias de alguns pesquisadores que muito contribuem nesse processo como Henri Wallon, Lev Vygotsky, Paulo Freire, Celson Antunes, Augusto Trivinos, Eugênio Cunha, entre outros. Para realizar nossa investigação, dispomos da pesquisa qualitativa, através de entrevista semiestruturada com duas professoras do segmento da educação infantil na faixa etária de quatro e cinco anos que fazem parte do referido CMEI Benedito Rufino em Castanhal. A análise e discussão dos dados construídos ao longo de minha pesquisa mostraram que tais reflexões contribuem significativamente para que esses profissionais voltem o seu olhar para o educando, deixando um pouco de lado a pressa em querer desenvolver os conteúdos para o cumprimento de metas e estatísticas e passem a observar a educação como algo mais amplo onde se constrói as relações humanas, onde educador e educando tem a oportunidade de se relacionarem quer seja com um olhar, quer seja com um abraço ou gesto de carinho. Diante do exposto evidencia-se que a afetividade contribui de forma efetiva para o desenvolvimento afetivo, social e não apenas o cognitivo como elementos fundamentais no desenvolvimento da criança como um todo.

PALAVRAS-CHAVE: Afetividade, Relação interpessoal, Prática Pedagógica.

ABSTRACT

The present research has as its central theme Affectivity and Its Implications in the Teaching and Learning Process in a Center for Early Childhood Education in the Municipality of Castanhal (PA): an analysis from the teaching discourses. In this sense, my main objective was to address the importance of the affective relationship and to understand how this relationship can contribute in the teaching and learning process, considering the theories of some researchers who contribute a lot in this process as Henri Wallon, Lev Vygotsky, Paulo Freire, Celson Antunes, Augusto Trivinos, Eugênio Cunha, among others. In order to carry out our research, we have a qualitative research, through a semi-structured interview with two teachers from the infant education segment in the age group of four and five years who are part of the aforementioned CMEI Benedito Rufino in Castanhal. The analysis and discussion of the data constructed during my research showed that such reflections contribute significantly to these professionals turning their eyes to the student, leaving a little aside the rush to want to develop the content for the accomplishment of goals and statistics and to observe education as something broader where human relations are built, where educators and educators have the opportunity to relate with a look or with a hug or gesture of affection. In view of the above, it is evident that affectivity contributes effectively to affective, social and not just cognitive development as fundamental elements in the development of the child as a whole.

KEY WORDS: Affectivity, Interpersonal Relationship, Pedagogical Practice.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	10
1 HISTÓRIA E CONCEITO DA AFETIVIDADE.....	14
1.1 Os estágios da afetividade na vida escolar.....	17
2 AFETIVIDADE DENTRO DO PROCESSO ENSINO E APRENDIZAGEM.....	19
2.1 A afetividade e a família: relação com a aprendizagem significativa.....	23
2.2 A influência da afetividade na aprendizagem na Educação Infantil.....	26
3 AFETIVIDADE NA VISÃO DE WALLON E SUA TRAJETÓRIA.....	28
3.1 O desenvolvimento cognitivo.....	30
3.2 Desenvolvimento moral e autônomo.....	32
4 TRAÇANDO OS CAMINHOS METODOLÓGICOS DA INVESTIGAÇÃO.....	34
4.1 Metodologia da Investigação.....	34
4.2 Os sujeitos participantes.....	35
4.3 Característica da pesquisa.....	35
4.4 Instrumentos.....	36
4.5 Lócus da pesquisa.....	36
4.6 Análise e discussões.....	37
4.7 Fala dos sujeitos.....	38
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	41
6 REFERÊNCIAS.....	42
7 ANEXO.....	45

INTRODUÇÃO

A sociedade se constitui por uma coletividade, sendo necessária toda uma organização política, estrutural e funcional. Um complexo que precisa ter uma base constituída por leis sólidas norteadoras de direitos e deveres. São paradigmas constitucionais que possibilitam a relação harmônica de uma sociedade. Compreender sobre a ótica da legislação fator condicionante da convivência em sociedade, o que nos remete a um entendimento dos processos históricos pautados nas práticas educacionais.

A história educacional sempre foi relevante para manter a ordem em sociedade, o que temos na história são fatos que marginalizaram as ações em uma relação de submissão. Quem detinha o direito ao conhecimento eram grupos privilegiados, os quais utilizavam o saber para firmar a soberania de uma minoria em detrimento de uma grande maioria. As influências dos movimentos revolucionários foram importantes para compreender que o povo precisava ser educado para acompanhar o desenvolvimento de uma sociedade. Mas o propósito sempre foi de alienação, de manter o poder sobre o povo.

Nesse sentido a educação estava atrelada ao interesse do sistema capitalista, pois a finalidade principal era promover a formação técnica. Mas do que isso formava pessoas que não tivessem capacidade de questionar, acríticos ao sistema vigente. O legado deixado pelo sistema capitalista firmou uma sociedade hierárquica, justificada pelas relações sociais entre subordinado e subordinante.

Entretanto, houve pensadores como Max e Engels que se posicionaram a favor do povo, para que este tivesse esclarecimento sobre sua condição. Nessa perspectiva, inicia uma revolução de mudanças no pensamento, pois o homem passa ter consciência sobre sua fragilidade diante do não saber. A partir desse momento houve a evolução da sociedade, quando a educação entendida como uma ciência do pensamento, provocando mudanças comportamentais, com destaque a liberdade possibilitando ao homem compreender e intervir no seu meio.

Em síntese, a contribuição desses pensadores influenciaram vários teóricos para desenvolverem pensamentos lógicos, e para tal a fim de promover uma sociedade mais harmônica. A ressalva desse trabalho de pesquisa será para os autores que contribuíram assertivamente para o desenvolvimento da educação. Não se pode pensar na educação como um programa que atende a formação de mão de

obra, muito mais do que isso, é um sistema organizacional que tem como princípio a vida em sociedade. Por tanto, a educação não vislumbra apenas o desenvolvimento produtivo, que trata o indivíduo como ferramenta, desconsiderando as peculiaridades de um ser. Tem-se a preocupação de formar um ser social que seja respeitado no seu coletivo, mas também em suas particularidades.

O intento da educação toma novos significados, sendo possível firmar princípios, finalidades objetivando formar pessoas atuantes e conscientes da sua cidadania. Com isso, vamos dimensionar o papel das escolas. Mediante isso, não se pode pensar no ensino “bancário” como argumentado pelo educador Paulo Freire, a instrução escolar deve ser significativa. O conhecimento deve interferir nas mais diversas relações sociais. O saber não pode está restrito aos conteúdos programáticos abordados nas aulas, esses conteúdos precisam corresponder à realidade dos alunos.

A finalidade do conhecimento escolarizado possibilita desenvolver a percepção do aluno sobre o mundo. Espera-se que a escola atenda o propósito da sociedade preparando pessoas capazes de terem atuação ativas nas questões sociais, mas que essa intervenção seja acrescida de um senso crítico não estigmatizado. Isto quer dizer que o indivíduo deve ser educado para quebrar paradigmas cristalizados por fatos históricos que deixaram legado de discriminação, de intolerância e marginalização.

Os argumentos explicitados, até aqui, foram sempre abordando os anseios da sociedade sobre o indivíduo formado pela escola. Uma concepção que não condiz com a realidade. O que observamos são alunos que não conseguem perceber a importância do estudo para sua vida, sobre várias justificativas de que o saber adquirido na escola não coaduna com a realidade. Em consequência, temos o desinteresse, aversão à escola, ocasionado à evasão dos alunos pelo fato dos discentes não acreditarem no desenvolvimento das suas potencialidades.

Diante desses fatores, se percebe que as escolas precisam rever as práticas e elaborar meios mais eficazes para atrair seus alunos. Precisa pensar na escola como um todo, não pensar e responsabilizar apenas o professor pelo insucesso escolar. Mas, sobretudo, considerar a gama de possibilidades influenciáveis que o aluno está inserido. É preciso unir forças para resgatar o interesse do principal protagonista desse processo: o aluno.

A escola é um lugar de desenvolvimento das mais variadas habilidades e sensações que proporcionam o processo de aprendizagem. Desse modo, deve oferecer conforto, segurança e inúmeras possibilidades de aprendizagem.

As pessoas envolvidas com a educação precisam ter consciência de que o espaço escolar não é somente um pano de fundo, ele interfere diretamente na aprendizagem das crianças entendido como interlocutor, porque desafia, instiga a criança para aprender e conviver, com receios e inseguranças, em decorrência, via de regra, de fracassos e prejuízos acumulados pelas muitas experiências que já vivenciaram e que devem ser valorizadas e aproveitadas no contexto escolar.

Essa relação entre sociedade e educação são indissociáveis, percebe-se que a educação é um elo imprescindível na sociedade. É através dela que podemos vislumbrar as inter-relações, e nesse sentido a escola canaliza a função social que possibilita a convivência. Entretanto, a escola precisa passar por significativas mudanças para resgatar a finalidade do que se propõe. É um desafio! Pois são várias questões a serem discutidas, mas o que concerne essa pesquisa será apresentar a importância da relação afetiva para o desenvolvimento educacional.

As emoções são importantes para o nosso relacionamento com as pessoas. É por meio da forma como nos relacionamos que os nossos alunos são encorajados a alçarem voos mais altos, a romperem barreiras e a vencer suas dificuldades de aprendizagem.

Certamente ter uma prática pedagógica fundamentada na afetividade possui maiores condições de atender os objetivos educacionais. Sendo assim, o questionamento pertinente a essa questão seria: **Como integrar a afetividade a prática pedagógica para que se tenha uma educação de qualidade na educação infantil?** Para fundamentar este trabalho teremos como base a teoria de Wallon (2007) que tem destaque e propriedade sobre o assunto. Seu estudo trouxe contribuições indispensáveis para a educação, evidenciando que a afetividade é um fator preponderante na aprendizagem condicionando projeção ao aluno na carreira que pretende seguir. Já que as relações afetivas estão presentes nos diversos grupos humanos e inclusive na área escolar. Ela pode ajudar ou prejudicar os resultados esperados dependendo dos vínculos estabelecidos.

Enfatizaremos nesse trabalho a contribuição significativa de Vygotsky (2003) que acredita que o desenvolvimento afetivo depende, dentre outros fatores, da qualidade dos estímulos do ambiente. Esse ambiente deve estimular e satisfazer as necessidades básicas de afeto, apego, desapego, segurança, disciplina e comunicação, porque são nessas situações que a criança estabelece vínculos com outras pessoas. A relação da mãe e seu bebê é um dos exemplos que mostram como o relacionamento afetivo marca e contribui no desenvolvimento da criança.

No decorrer desse trabalho, destacaremos vários teóricos que complementaram a essência desta pesquisa. Autores que irão sugerir proposições a fim de consolidar a importância da afetividade no espaço pedagógico e fora dele, para que, relacionando-se com os sentimentos e emoções, o professor e aluno possam dar um salto qualitativo no processo de ensino-aprendizagem.

Neste sentido, este trabalho é resultado das minhas experiências diárias com a minha turma de educação infantil, bem como o relacionamento que sempre busquei praticar com a turma, valorizando a afetividade nesse processo de ensinar, facilitando assim, a aprendizagem das crianças em todos os âmbitos: físico, psíquico e social. A partir daí percebi que o professor pode dificultar ou facilitar a aprendizagem de acordo com a forma como se relaciona com seus alunos.

Então, **Como integrar a afetividade a prática pedagógica para que se tenha uma educação de qualidade na educação infantil?** Partindo dessa questão, pretendemos investigar e fazer uma descrição dessas práticas pedagógicas apontadas pelas professoras da educação infantil, com base nos autores que discutem esta temática.

O trabalho está dividido em quatro capítulos, no capítulo 1 **História e conceito de afetividade**, que não é nenhuma nova teoria pedagógica nem a mais nova descoberta científica para dar-nos melhor qualidade de vida. Mas são experiências responsáveis pelo nosso prazer em viver. Definição etimológica de afeto.

No capítulo 2 **A concepção de afetividade para o espaço escolar**, A escola é o segundo ambiente depois da família a ser conviviado pela criança. Neste espaço diferente do familiar as práticas são organizadas a partir de diretrizes que nortearam o ensino e a aprendizagem.

No capítulo 3 **Afetividade na visão de Wallon e sua trajetória**, que diz que o processo de evolução do ser humano depende tanto da capacidade biológica quanto do ambiente, que o afeta de alguma forma.

No capítulo 4 **Traçando os caminhos metodológicos de investigação**, apresentamos a metodologia adotada, expondo as razões para a pesquisa, os sujeitos participantes, os caminhos e instrumentos de investigação, análises das falas das professoras da educação infantil sobre quais práticas pedagógicas aliadas com afetividade para que tenha uma educação de qualidade na educação infantil.

Nas **considerações finais**, deixamos nossa reflexão acerca da pesquisa, os objetivos que foram alcançados e as contribuições que ela trouxe para nossa formação.

1. HISTÓRIA E CONCEITO DE AFETIVIDADE

A afetividade é um domínio funcional, cujo desenvolvimento depende da ação de dois fatores: o orgânico e o social. Entre esses dois fatores existe uma relação recíproca que impede qualquer tipo de determinação no desenvolvimento humano, tanto que a constituição biológica da criança ao nascer não será a lei única do seu futuro destino (WALLON, 1954, p.288).

O conceito sobre afeto é bastante amplo, para destacar essa abordagem é necessário à realização de uma retrospectiva histórica na área educacional e em outras áreas do conhecimento como a Filosofia, Psicanálise e também a Literatura. A afetividade está constantemente presente na vida da criança independentemente da sua origem, gênero ou classe social e apesar da existência de inúmeros estudos na área ainda é possível encontrar resistência na valorização da temática dentro da sala de aula.

De acordo com o Mini Dicionário (2010, p.37) “A afetividade é a qualidade de quem é afetivo, sentimento, afeição profunda, o objeto dessa afeição, zelo cuidado”. A palavra afetividade também designa um conjunto de atos inclinados a bondade, proteção, apego e também pode ser caracterizada como a preocupação de uma pessoa por outra e nas mais variadas manifestações de sentimento como: Alegria, tristeza, choro e raiva. A palavra “afeição é usada filosoficamente em sua maior extensão e generalidade, portanto, designa todo estado, condição ou qualidade que consiste em sofrer uma ação sendo influenciado ou modificado por ela” (ABBAGNANO,1998, p. 53).

Na Filosofia o afeto faz parte das reflexões de praticamente todos os filósofos desde a antiguidade até os nossos dias, ao fazer uma breve análise sobre o conceito de afetividade, podemos dizer que ela sempre existiu e somente ganhou importância após os estudos realizados sobre a importância do afeto e suas relações com a aprendizagem. Na idade antiga, não se valorizava os sentimentos, mas a razão.

Na área educacional esse trajeto não é muito diferente. É comum os professores trabalharem no ambiente escolar dividindo as crianças em dois grupos, um que representa o cognitivo e outro representando o afetivo. O correto é compreender a criança como um todo. Essa abordagem começa a ganhar forma com os estudos realizados por Wallon (2008), no qual conceitua a criança como um indivíduo pensante que passa por diferentes estágios até atingir a maturidade.

Para Comenius (2002) o cérebro na idade infantil é como uma esponja, pronto a absorver e a receber a mais diversa gama de estímulos, apreendendo mais rapidamente as informações as quais lhes são expostas. Enquanto Comenius (2002) falava da necessidade de uma educação em que o professor tenha o papel de ensinar e não maltratar os alunos, Rousseau (2005) concebia o indivíduo como um ser integral e via na infância uma fase permeada de fases de desenvolvimento. Ao mesmo tempo que destacamos os autores acima citados, também considera-se que não há como destacar o percurso histórico da afetividade sem apontar os estudos realizados por Wallon (2008). Ele contribuiu de forma importantíssima para os estudos relacionados a temática, e suas obras servem como ponto de partida para diversas pesquisas sobre a afetividade e o desenvolvimento cognitivo da criança.

“A medida que se desenvolvem cognitivamente, as necessidades afetivas das crianças tornam-se mais exigentes” (WALLON, 2008, p.163).

Desse modo, é possível compreender que os adultos e as crianças são movidos por atitudes de carinho e afeto que influenciam diretamente em seu desenvolvimento e conseqüentemente na aprendizagem e na qualidade das relações que desenvolverá ao longo da vida.

Para Almeida (2004) o professor precisa conquistar o aluno, construir o conhecimento de forma positiva, afim de envolvê-los e motivá-los com palavras de incentivo e expressões positivas.

Dessa forma, a relacionamento com o outro será benéfico e contribuirá para o fortalecimento do vínculo afetivo nos anos iniciais da criança. Tudo isso favorecerá

avanços significativos na relação cognitiva, isso ocorre porque é na infância que a criança possui um vínculo afetivo muito forte com as pessoas que a cercam, como as relações entre pais e filhos, professores e alunos.

Conforme Vygotsky (1994) a construção do conhecimento ocorre a partir de um grande e importante processo de interação, assim, a afetividade tem um importante papel na construção do próprio sujeito.

Embora a função primordial da escola seja a construção e a transmissão dos conhecimentos, não é possível deixar de lado as relações que envolvem a afetividade, desse modo, aponta-se que o afeto é um agente presente e ativo nesse processo. Dentro dessa perspectiva, observa-se que o homem é um ser social que precisa dessa interação com o meio, assim o seu desenvolvimento será mais significativo.

A afetividade pode ser expressa de três formas diferenciadas: por meio da emoção, do sentimento e da paixão. Essas manifestações podem ocorrer durante todo o ciclo de vida do indivíduo, porém, vale ressaltar que essas manifestações também estão sujeitas a características do desenvolvimento e da maturidade de cada um de modo particular.

A afetividade também indica os primeiros sinais de vida psíquica que podem ser observáveis através da conduta infantil, o comportamento da criança geralmente demonstra quais estímulos ela está recebendo, se eles são positivos ou negativos.

Para Wallon (1968):

As influências da afetividade rodeiam a criança desde o berço e não podem deixar de exercer uma ação determinante na sua evolução mental. Não porque originem completamente as suas atitudes e as maneiras de sentir, mas pelo contrário, precisamente porque, se dirigem à medida que eles vão despertando, aos automatismos que o desenvolvimento espontâneo das estruturas mantêm potência, e por seu intermédio às reações íntimas e fundamentais (WALLON 1968, p.149).

Desse modo, aponta-se que a afetividade tem um papel essencial no processo de desenvolvimento da criança que se manifesta especialmente no comportamento, na expressão e por essa razão apresenta forte representatividade no desenvolvimento da inteligência. Vale ainda ressaltar que as crianças dependem dessas trocas para a satisfação das suas necessidades vitais, portanto, a afetividade desempenha o papel de unir os indivíduos entre si, e essas influências que podem ocorrer tanto no ambiente familiar quanto no ambiente escolar tem ação decisiva na vida psíquica da criança.

Dentro dessa breve análise sobre afetividade é possível apontar que desde as primeiras discussões até o presente momento ela permanece bem viva nas diferentes

situações do cotidiano, na área educacional esse trajeto também não é muito diferente, é comum alguns professores desenvolverem seus trabalhos em sala de aula baseando-se nas teorias de Wallon e Piaget, onde é possível destacar que a afetividade é base para o desenvolvimento da aprendizagem significativa.

Para Freire (2005):

Aprender é um processo que pode deflagrar no aprendiz uma curiosidade crescente, que pode torna-lo mais e mais criador. Quanto mais criticamente se exerça a capacidade de aprender, mais se constrói e desenvolve a curiosidade do educando e essa curiosidade é despertada quando o aluno gosta da escola e se sente bem na sala de aula (FREIRE, 2005, p.27).

O ambiente onde a criança está inserida tem forte influência no processo de aprendizagem e os estímulos a ela dedicados também têm uma função em seu desenvolvimento. Ao adentrar na escola, a criança experimenta novas vivências e dependendo da ação do professor essa experiência poderá ser positiva ou negativa. O professor deve encorajar a criança a realizar novas descobertas e inventar, o correto é nunca dar receitas prontas para incentivar com carinho a capacidade criadora que cada um possui, contribuindo assim para sua evolução.

1. 2. Os estágios da Afetividade na vida escolar

Dentro dessa temática é de suma relevância destacar que o desenvolvimento do indivíduo não depende somente do intelecto, mas há uma série de fatores que contribuem para a evolução total da criança. Logo, pode-se afirmar que o ambiente tem um papel fundamental nesse processo.

A boa relação entre professor e aluno possui influência direta no processo de ensino e aprendizagem. A afetividade desenvolve-se de acordo com os estágios de desenvolvimentos que são destacados na teoria de Wallon (1954). Na Educação Infantil, esse processo ocorre através do carinho, do abraço, no tom de voz utilizado pelo professor para estimular a criança a adquirir confiança.

A afetividade para Wallon (2008) desenvolve-se de acordo com os estágios que ele propõe e que para ele atendem o desenvolvimento humano e compreende o Estágio impulsivo-emocional, Estágio sensório-motor e projetivo, Estágio Personalismo, Estágio categorial e Estágio puberdade e adolescência e Idade adulta

Wallon (2008) acredita que o nascimento da afetividade vem primeiro que a inteligência humana.

Ao expor sua postura diante do desenvolvimento humano Wallon (1954) também aponta que a criança desde seu nascimento está em constante processo de evolução e a afetividade é o meio pelo qual a criança se utiliza para estabelecer relações e envolver-se com o meio e realizar atividades de aprendizagem.

É importante que o professor busque conhecer cada um desses estágios de desenvolvimento da criança para que dentro do contexto escolar sejam exploradas todas as possibilidades de aprendizagem. Essa intervenção é muito importante, pois, os conhecimentos são construídos por meio da interação. A criança aprende quando é estimulada emocionalmente e quando se sente em um ambiente seguro e afetivo. Dentro desse fato tão marcante na vida de uma criança, o profissional da educação precisa estar mais sensível as necessidades dela, pois no primeiro momento elas se deparam em um ambiente totalmente desconhecido, com pessoas diferentes do seu convívio do dia a dia. Portanto, é necessário dar todo suporte, cuidado e amparo nesses momentos iniciais e tão delicados da vida de uma criança.

Dentro dessa temática sobre o desenvolvimento humano e suas etapas é possível também destacar a visão de Piaget (1971), quando o mesmo destaca que:

A vida afetiva, como a vida intelectual é uma adaptação contínua e as duas adaptações são, não somente paralelas, mas interdependentes, pois, os sentimentos exprimem os interesses e os valores das ações, das quais a inteligência constitui a estrutura (PIAGET, 1971, p.271).

É possível perceber que o desenvolvimento humano passa por diferentes processos que dependem da idade e dos fatores biológicos e familiares pertencentes a cada indivíduo e o estímulo a afetividade pode contribuir de maneira efetiva para auxiliar na aprendizagem. Nos estudos realizados por Wallon (2007) sobre o desenvolvimento infantil é possível perceber através da leitura que ele se empenhou em apresentar explicações para o problema das origens da inteligência e cada uma dessas explicações se encontram detalhadas nos estágios do desenvolvimento, é através desses estágios que ele determina que cada idade possui suas características, seus limites e o tempo adequado para a realização de determinadas tarefas ou ações.

Uma das formas mais adequadas para que o professor consiga realizar essa mediação entre a afetividade e a vida escolar é a utilização do brincar ou das brincadeiras, desse modo, é possível apontar que o ato de brincar não pode se dissociado da infância e até mesmo do próprio processo educativo como era feito no

passado, hoje, a prática lúdica apresenta um grande potencial dentro das atividades escolares no que diz respeito às crianças muito pequenas e até mesmo como instrumento para o auxílio de dificuldades de aprendizagem.

Brincar de andar, de pular, subir e descer, de pôr e tirar, de empilhar e derrubar, de fazer e desfazer, de criar e destruir. Educar nesse momento é sinônimo de preparar o espaço adequado, brincável, isto é, explorável (WALLON APUD KISHIMOTO, 1998, p.117).

O brinquedo e o ato de brincar são carregados de regras sociais e observáveis o que é importante para aguçar os sentidos das crianças e aproximá-las do contexto escolar, contribuindo assim para o desenvolvimento da criança de uma forma satisfatória e eficaz. Partindo dessa concepção, é inegável admitir que crianças pequenas tem a necessidade de manipular objetos para assim se desenvolver. Quando ela explora o ambiente em busca de descobertas, naturalmente ela aprende. Portanto, o brinquedo se encaixa perfeitamente nessa realidade, pois, faz parte do universo infantil e é um instrumento concreto que possui funções calmantes e estimulantes.

É importante a atenção do professor na escolha dos brinquedos, suas funções e os objetivos que deseja alcançar dentro da aprendizagem. A utilização de brinquedos apenas para distração ou para ocupar as crianças não possui nenhum valor pedagógico ao contrário é considerado até uma prática inadmissível dentro da sala de aula.

2. AFETIVIDADE DENTRO DO PROCESSO DE ENSINO E APRENDIZAGEM

É na infância que a criança fortalece seus conhecimentos, trabalha as relações sociais, sendo assim, a afetividade é fortemente presente na vida do indivíduo, tornando-se necessária nas interações. E, pensando nisso, que se pretende com a realização do estudo em destaque direcionar o olhar do professor para a questão de trabalhar mais o campo afetivo. Servirá para terem ciência de seu papel não somente como agente do saber, ao passo que sua contribuição vai além de ensinar conteúdo.

As escolas deveriam entender mais de seres humanos e de amor do que conteúdos e técnicas educativas. Elas têm contribuído em demasia para a construção de neuróticos por não entenderem de amor, de sonhos, de fantasias, de símbolos e dores (SANTINI, 2012, p,15).

Logo, devemos considerar que a criança deseja e necessita ser amada, aceita, acolhida e ouvida para que possa despertar para a vida e desenvolver sua curiosidade. A presença do adulto deve oferecer à criança segurança física e emocional suficientes para que ela se sinta motivada a explorar mais o ambiente, aprendendo cada vez mais com as interações que ela estabelecerá com o meio e com as pessoas. A afetividade e a emoção, nesse processo de interações, constituem elementos básicos e essenciais a aprendizagem da criança (PORTO, 2007).

Como resultado dessas interações e contatos afetivos, a criança aos poucos vai formando sua identidade, percebendo-se diferente dos outros e ao mesmo tempo buscando integrar-se com os outros. Nesse processo, a autoestima e autor realização desempenham um papel importante. Através do desenvolvimento da autoestima ela aprende a ser aceita como é, com suas capacidades e limitações. Sobre isso, Porto (2007) ressalta que:

No processo psicológico, deve ser compreendida a relação existente entre aspectos cognitivos e afetivos da e na constituição do sujeito. A motivação para aprender está ligada à consciência do indivíduo e também aos aspectos inconscientes de seu aparelho psíquico (PORTO,2007, p,14).

Nessa perspectiva, como observa a autora, o aprender envolve simultaneamente os desejos, as necessidades e a inteligência. Portanto, atividades envolvendo jogos e brinquedos, além de favorecer o desenvolvimento da socialização, estimulando a compreensão, a participação e a cooperação, por seu caráter lúdico, essas atividades favorecem diretamente a aprendizagem.

Ao refletir sobre a relevância da afetividade no processo de aprendizagem na educação Infantil, surge a preocupação de fazer uma pesquisa sobre a influência da mesma na vida dos docentes e discentes. A educação não está baseada apenas em meras transmissões de conhecimentos, mas por seres humanos que expressam suas emoções, que cativam e são cativados. A criança que se sente acolhida, amada, respeitada e valorizada terá por consequência maior autonomia, por sua vez desenvolverá uma boa autoestima e confiança, posteriormente calcará em um bom desempenho na vida escolar.

Na concepção de Tassonini (2000):

Toda aprendizagem está impregnada de afetividade, já que ocorre a partir das interações sociais, num processo vincular. Pensando, especificamente, na aprendizagem escolar, a trama que se tece entre alunos e professores, conteúdo escolar, livros, escrita. Etc. não acontece puramente no campo cognitivo. Existe uma base permeando essas relações. (TASSONINI, 2000, p.270).

A escola é o meio que possibilita as tramas e as experiências diferenciadas, com parceiros e situações também diferentes, pois proporciona situações e vivências essenciais para a construção do indivíduo como pessoa. São através das relações de afetividade que a construção pode acontecer naturalmente.

É importante que o educador tenha um olhar cuidadoso sobre o ato de educar, atentando-se para a necessidade da criança. Ele deve proporcionar momentos agradáveis, propícios ao aprendizado para que o aluno sinta-se seguro para desenvolver suas potencialidades. A relação do afeto social deve acompanhar todo o desenvolvimento da criança, desde os primeiros momentos de sua vida. Segundo Wallon (1994) a vida psíquica é formada por três dimensões: motora, afetiva e cognitiva que coexistem e atuam de forma integrada.

A dimensão motora situa-se na construção e está submetida a maturação neurológica, evolução da tonicidade muscular desenvolvida a partir da manipulação de objetos, desenvolvimento das potencialidades de equilíbrio, desenvolvimento do controle e dissociação dos movimentos, da eficácia motora (velocidade e precisão) definição da lateralidade. Essas aquisições permitem a existência das coordenações dinâmicas gerais e manuais.

Dentro da dimensão afetiva é possível situar a capacidade do ser humano de pensar, falar, aprender, sentir e agir do seu modo. Esta dimensão é marcada por estímulos como atenção, memória, pensamento e linguagem. Cada criança desenvolve pelo estilo, de acordo com o meio que convive.

Já a dimensão cognitiva relacione-se ao domínio das interações espaciais e temporais que ocorre quando a criança identifica direita e esquerda, nomear seus segmentos corporais, orienta-se corretamente, em cima, em baixo, em frente, atrás hoje, ontem entre outras.

Wallon (2008) na teoria da psicogenética ao trabalhar com dimensões afetiva, retrata a dissociabilidade do homem social e biológico. Dentro dessa análise ele diz o seguinte:

[...] a cada idade estabelece-se um tipo particular de interações entre o sujeito e o seu ambiente. Os aspectos físicos do espaço as pessoas próximas a linguagem e os conhecimentos próprios a cada cultura formam o contexto do desenvolvimento (WALLON apud GALVÃO, 2015, p.39).

Dessa forma, criar um ambiente emocionalmente saudável é de grande importância. Precisamos tratar a afetividade na educação infantil com grande importância de modo que os docentes e discentes entendam seu real significado para o ensino, ela nunca será compreendida se este educador não se dedicar ao seu trabalho como ele deve ser feito. A docência é antes de qualquer coisa um ato de amor e por essa razão deve ser cuidada com carinho.

A tarefa do educador é excepcional. Adequar os métodos pedagógicos à afetividade específica da criança é a tarefa mais delicada que todo adulto, pai, educador ou professor, deve ter sempre em mente. Para isso, é preciso levar em consideração a própria visão do mundo infantil que o adulto forma. {...} A criança está imersa em um mundo de relações objetais tão fantástica quanto intensas, e {...} é importante que o adulto possa conectar-se com suas próprias vivências da infância, para assim poder brincar com a criança. Nessas brincadeiras vão se construindo os aprendizados (MORA, 2011.p.248-249.Grifo da autora).

De acordo com Mora (2011), ao jogar e brincar com outros coleguinhas a criança tem oportunidade de demonstrar sentimentos de segurança, libertar emoções, desenvolver um sentimento de segurança e de autor realização.

Ao observarmos o desenvolvimento da criança e sua reação frente as situações de conflito, devemos considerar a forma como a criança integra suas experiências às suas interpretações do mundo. Nesse sentido, destacamos aqui alguns aspectos do desenvolvimento sócio afetivo, que podem ser desenvolvidos em atividades envolvendo o jogar e o brincar: Empatia, cooperação, comunicação interpessoal, interação social, afetividade, motivação e organização.

A função da afetividade dentro do processo educacional é possibilitar o aprendizado da criança em todas as suas inter-relações. Wallon (1993) citado por Almeida (1999, p.42) diz que a afetividade manifesta-se primitivamente no comportamento, nos gestos expressivos da criança. Com base nas palavras dele é inegável o fato de que a afetividade é fundamental na construção das informações cognitivas das crianças e conseqüentemente, exerce uma função primordial na relação professor e aluno.

Aponta-se ainda que ao desconsiderar o lado afetivo e assumindo a vivência da sala de aula com autoritarismo, o educador tende a despertar no educando sentimentos como apatia, inimizade e desinteresse, e todos esses sentimentos provocam o desenvolvimento de um aluno desinteressado o que acarretará em prejuízos irreparáveis para o processo de desenvolvimento do mesmo.

É possível perceber que a criança está modificando seu comportamento e aprendendo através da afetividade desde os primeiros passos da criança na escola. No início, a grande maioria das crianças tem uma forte tendência ao choro quando sentem que irão ficar em um ambiente estranho cercado de pessoas que não conhecem. Essa adaptação é muito difícil para algumas famílias e até mesmo os pais parecem ser afetados por essa crise da criança.

Com o passar do tempo é possível notar o amadurecimento dessa relação e o fim das crises emotivas. A partir do momento que a criança desenvolve esse lado afetivo, ela inicia um processo de aprendizagem e de independência. É dentro dessa perspectiva que as mudanças de comportamento passam a se tornar visíveis contemplando a teoria do desenvolvimento infantil através de ações pedagógicas mais humanas, permeadas pelo afeto e pelo cuidado.

2.1 A afetividade e a família: relação com a aprendizagem significativa

As crianças têm o direito de ser criadas e educadas no seio de suas famílias. O Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) reafirma, em seus termos, que a família é a primeira instituição social responsável pela efetivação dos direitos básicos das crianças.

Cabe, portanto, as instituições estabelecerem um diálogo aberto com as famílias, considerando-as como parceiras e interlocutoras no processo educativo infantil. Quando os pais se interessam pela sua educação, os alunos sentem uma maior motivação e desenvolvem atitudes positivas em relação à aprendizagem. Para isso, é de suma importância que ambos andem juntos, sempre tendo em vista o bom desenvolvimento infantil.

De acordo com RCNEI – Referencial Curricular Nacional para Educação Infantil (1998) toda família deve ajudar no processo constante de educar as crianças. Dependendo da família e da criança, outros membros como o pai, irmãos, avós poderão estar envolvidos no processo de adaptação à instituição.

Não cabe somente aos profissionais da educação, mas a sociedade como um todo a responsabilidade pela educação desses educandos, onde os pais e a escola devem estar atentos aos que elas falam, o que fazem, suas atitudes e comportamentos, ao passo que, muitas vezes, através do comportamento, elas estão

querendo dizer alguma coisa, ficando despercebido tanto para os pais quanto para a escola.

Dentro dessa temática, o PCN (1997) destaca a mídia, a família, a igreja, como fonte de influência educativa que incidem sobre o processo de construção de significado desses conteúdos.

É importante ressaltar que a escola precisa ter um diálogo aberto com a família, tendo em vista a formação da criança. Essa comunicação é de suma importância porque os pais que precisam oferecer valores morais para seus filhos e estar junto com a escola. Esta por sua vez, precisa promover atividades prazerosas para reunir família, alunos e professores.

Ainda de acordo com o RCNEI (1998) a comunicação entre as famílias e as instituições de educação infantil deve ocorrer desde o início de forma planejada. A comunicação entre as famílias pode se tornar uma rotina mais informal, mas bastante ativa. Nesse sentido, as escolas, por intermédio de seus educadores, devem desenvolver a capacidade de ouvir, observar e aprender com as famílias, sendo que essa parceria de forma direta ou indireta é que vai fazer o diferencial na formação do educando, ao passo que é dever da família ter um relacionamento mais próximo com a escola, tendo em vista que essa interação melhorará a qualidade do ensino da criança.

Muitas famílias deixam de interagir na formação da criança junto com a escola, devido suas atividades diárias que ocupam muito de seu tempo. Porém, há sempre um momento onde a família poderá se fazer presente, tais como os finais de semana, e alguns minutos durante o dia, participando do processo educativo, acompanhando as tarefas diárias e participando assiduamente das atividades propostas pela escola.

De acordo com o RECNEI (1998), o atendimento as crianças sofreu inúmeras mudanças desde sua instituição. Hoje a escola está relacionada a esse contexto da afetividade. As práticas tem privilegiado as necessidades emocionais apresentando os mais diversos enfoques ao longo da história do atendimento Infantil.

Toda criança tem necessidades e individualidades e é nessa visão que se deve estar atento nos processos físicos e cognitivos, para que a criança tenha todas as potencialidades desenvolvidas de forma significativa e plena. Logo, a afetividade tem um papel importante nesse momento de construção do desenvolvimento que ocorre durante toda a vida do homem em vários momentos de formas diferente.

“Para compreender os processos de desenvolvimento e seus impactos na pessoa, é preciso focalizar tanto o contexto familiar quanto o escolar e suas inter-relações” (POLÔNIA & DESSEN, 2005, p. 56).

Portanto, a construção dessa parceria é função inicial dos professores, pois transferir essa função para a família somente reforça sentimentos de ansiedade, vergonha e incapacidade aos pais, uma vez que não são eles os especialistas em educação, não entendem de psicologia, desconhecem a didática, a sociologia, enfim, o resultado desta postura já se conhece muito bem: o afastamento da família.

Atualmente nas escolas e em casa, os pais e educadores não sabem mais como fazer para que as crianças sejam disciplinadas. Encontramos a resposta desta dificuldade nas próprias salas de aulas. Nossa geração viveu a questão da disciplina de um modo peculiar e muito sofrido.

Devido isso, os pais viveram massacrados pelo autoritarismo. Com a intenção de não repetir o mesmo erro, estes criaram seus filhos de forma extremamente permissiva, aderindo a algumas vontades da criança, permitindo aqui, deixando passar ali, esta geração é o reflexo disso tudo, inclusive erro do instinto materno de se sentir culpada por ficar fora de casa o dia todo. É necessário uma conscientização muito grande para que todos se sintam envolvidos neste processo de educar.

Além disso, a escola não deve ser só um lugar de aprendizagem, mas também um campo de ação no qual haverá continuidade da vida afetiva. Sabe-se que a família é a base para qualquer ser, não referimos aqui somente família de sangue, mas também famílias construídas através de laços de afeto. Família, no sentido mais amplo, é um conjunto de pessoas que se unem pelo desejo de estarem juntas, de construírem algo e de se complementarem.

Não é possível respeito aos educandos, à sua dignidade, a seu ser formando-se, à sua identidade fazendo-se, se não se levam em consideração às condições em que eles vêm existindo [...] (FREIRE, 1997, p. 71).

As palavras de Freire (1997) remetem a afirmativa de que a criança necessita viver em um ambiente familiar sadio, e acima de tudo, onde sejam respeitados seus direitos de criança, onde haja amor, cuidado, e principalmente limites. Quanto as questões familiares é possível admitir que não haja rendimentos positivos dentro do ambiente escolar se o meio familiar não favorece ou não estimula essa relação.

Alunos que vivenciam conflitos familiares muito fortes e que convivem com uma família desestruturada às vezes podem apresentar alguma apatia em aprender ou

algum tipo de bloqueio que posteriormente dificultará a sua aprendizagem e esses reflexos são extremamente negativos para o futuro dessa criança.

Para Piaget (1975), os esquemas afetivos levam a construir o caráter dos esquemas cognitivos que conduzem a formação da inteligência.

A vida afetiva e a social apoiam-se uma na outra para a formação de um indivíduo completo, pleno, capaz de conduzir de forma harmoniosa os sentimentos, a inteligência e a razão. E, para que essa construção da personalidade possa ocorrer de forma adequada, é preciso que o educador compreenda e respeite cada uma das etapas do desenvolvimento da criança, contribuindo assim com sua formação pessoal e profissional. Portanto, o educador deve levar em consideração que o aluno não é apenas um aprendiz de conteúdo. Ele precisa ser trabalhado dentro da sala de aula com temas importantes como amor, ódio, respeito, vida, morte e temas ligados a individualidade de cada criança, pois, a partir dessas temáticas o professor pode educar a nova geração a serem adultos mais tolerantes.

2.2. A influência da afetividade na aprendizagem na educação infantil

O atendimento para as crianças pequenas no Brasil sofreu inúmeras mudanças desde sua instituição. Hoje, a escola está diretamente relacionada a esse contexto de que a afetividade consegue produzir efeitos positivos dentro do processo de motivação dos alunos.

Conforme o Referencial Curricular Nacional da Educação Infantil - RCNEI (1998) estas práticas tem privilegiado as necessidades emocionais apresentando os mais diversos enfoques ao longo da história do atendimento infantil.

A aprendizagem da criança vem sendo discutida e também estudada por diversos autores que defendem a ideia de que o educador precisa compreender o universo infantil para então buscar estabelecer elementos para o desenvolvimento da aprendizagem. Essa etapa da vida da criança caracterizada como infância é essencial na formação do cidadão, por essa razão é preciso que pais e professores estejam preparados para atuar dentro de parâmetros afetivos no intuito de contribuir com uma formação adequada a esses pequenos cidadãos.

Segundo Brasil (2015), a infância é uma geração, pois, compõe a estrutura da sociedade, tem uma função e uma posição e está sujeita aos mesmos parâmetros, econômico, tecnológico e cultural, que as demais gerações.

Desse modo, há um reconhecimento de que as crianças têm suas necessidades, seus processos físicos, cognitivos e emocionais, características estas individuais a cada criança e que não podem ser esquecidas ou ficar a parte do processo educativo.

A afetividade não se acha excluída da cognoscibilidade, o que não posso obviamente permitir é que minha afetividade interfira no cumprimento ético de meu dever de professor no exercício da minha autoridade, não posso condicionar a avaliação do trabalho escolar de um aluno ao maior ou menor bem querer que tenha por ele (FREIRE, 1996, p.141).

O educador que escolhe a educação infantil como campo de sua atuação deve compreender que a criança desenvolve-se a partir de vários fatores e que os fatores emocionais tem forte influência dentro do processo de aprendizagem. Desse modo ele precisa estar convencido que atuar com crianças é muito mais que um trabalho, é uma missão.

É esta força misteriosa, às vezes chamada vocação, que explica a quase devoção com que a grande maioria do magistério nele permanece, apesar da imoralidade dos salários, e não apenas permanece, mas cumpre, como pode, seu dever, amorosamente, acrescento. (FREIRE, 1996, 143).

Portanto, se o educador permanece na profissão amorosamente é também amorosamente que o educando aprende e se desenvolve, construindo aos poucos sua autonomia, pois, a afetividade permeia todos os momentos do desenvolvimento da criança, através dela é possível ir além do ensino tradicional e buscar novas metodologias baseadas no lúdico, onde a criança pode por meio das brincadeiras aprenderem a se comportar no meio social, a interagir com o outro e descobrir seus próprios limites.

De acordo com o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (1998):

Educar significa, portanto, propiciar situações de cuidados, brincadeiras e aprendizagens orientadas de forma integrada e que possam contribuir para o desenvolvimento das capacidades infantis. Neste processo a educação poderá auxiliar o desenvolvimento das capacidades de apropriação dos conhecimentos, das potencialidades corporais, afetivas, emocionais, estéticas e éticas na perspectiva de contribuir para a formação de crianças felizes e saudáveis (RCNEI, 1998, p. 23).

Levando em consideração todas as possibilidades de organização do trabalho educativo, aponta-se que a ação docente deve, portanto, envolver o desenvolvimento de ações que privilegiem a afetividade no intuito de obter objetivos didáticos que provam a aprendizagem de forma direcionada.

Para a realização de um trabalho organizado o educador deve realizar momentos destinados a reflexão e a importância de investigar o que é ser criança e o que é possível desenvolver através da afetividade. É importante pensar por diferentes dimensões e diferentes formas de organizar o trabalho educativo. Sempre buscando o desenvolvimento da criança.

3. AFETIVIDADE NA VISÃO DE WALLON E SUA TRAJETÓRIA

Na Visão de Wallon (1975) o processo de evolução do ser humano depende tanto da capacidade biológica quanto do ambiente, que o afeta de alguma forma. A criança nasce com certas habilidades mais é o meio o responsável para que ela se desenvolva. A teoria de desenvolvimento a partir das ideias de Wallon(1975) é um instrumento que pode ampliar a compreensão do professor sobre as possibilidades do desenvolvimento da aprendizagem.

De acordo com Alfandéry (2010):

Para Wallon, o surgimento de uma nova etapa do desenvolvimento implica na incorporação dinâmica das condições anteriores, ampliando-as e ressignificando-as, a criança atravessa diferentes estágios que oscilam entre momentos de maior interiorização e outros mais voltados para o exterior, sendo possível demarcar alguns deles ao longo do desenvolvimento infantil (ALFANDÉRY, 2010, p.34).

Dentro da abordagem defendida por Wallon (2007) essa evolução do desenvolvimento passa por 5 estágios diferenciados e que conduzem a um amadurecimento do ser humano. O desenvolvimento Infantil é dinâmico, ou seja, está em constante movimento é assim que a criança aprende. A educação não pode ser estática, parada sem atrativos; o professor precisa atrair de todas as formas a atenção dos seus alunos sempre buscando inovar-se.

De acordo com Alfandéry (2010) os estágios da criança se dividem em:

Estágio 1- Impulsivo (0 a 3 mês), emocional (3 meses a 1 ano); Estágio 2- Sensório- motor (12 a 18 meses); Estágio 3- Personalismo (3 anos) – crise de oposição (3 a 4 anos), Idade da graça (4 a 5 anos), Imitação (5 anos); Estágio 4- Categorical (6 a 11 anos); Estágio 5- Adolescência (A partir dos 11 anos) (ALFANDÉRY, 2010, p.35-36).

De acordo com as características e condições de determinado estágio do desenvolvimento os processos estarão voltados para o interior ou para o exterior num contínuo movimento de internalização. Dentro de cada um desses estágios é notório as manifestações da afetividade que não está ligada apenas nas manifestações de sentimento, mas também com atitudes e como estas se expressam.

A afetividade é central na construção do conhecimento da pessoa, o desamparo biológico que caracteriza os dois primeiros anos da vida humana, em razão das precárias condições de maturidade orgânica, determina um longo período de absoluta dependência da criança dos

cuidados de um adulto para poder sobreviver. Isso torna a emotividade a força que garante a mobilização do adulto para atender suas necessidades. (WALLON, 2007, p.37).

A partir da visão de Wallon (2007), é possível compreender que a afetividade é indissociável do processo de ensino e aprendizagem, pois é na educação infantil, que o professor acompanha as crianças em seu desenvolvimento motor e cognitivo.

O Referencial Curricular Nacional da Educação Infantil (1998) diz que:

Contemplar o cuidado na esfera da Educação Infantil significa compreendê-lo como parte integrante da educação, embora possa exigir conhecimentos, habilidades e instrumentos que extrapolam a dimensão pedagógica, ou seja, cuidar de uma criança no contexto educativo demanda a integração de vários campos de conhecimentos e a cooperação de profissionais de diferentes áreas (RCNEI, 1998, p. 24).

Dentro dos estudos realizados por Wallon (2007) e destacados por Alfandéry (2010), a afetividade pode ser expressa de três maneiras: por meio da emoção, do sentimento e da paixão. Essas manifestações surgem durante toda a vida do indivíduo. Na criança, ela ocorre de forma mais dinâmica, pois o pensamento infantil tende a passar por inúmeras fases de maturação, e a afetividade é muito mais presente nessa fase da vida.

A emoção é a primeira expressão da afetividade, ela tem uma ativação orgânica e não é controlada pela razão, quando uma criança fica sozinha e com medo ela não consegue controlar sua emoção, ou quando alguém passa por um momento de assalto ou acidente, a emoção que se sofre naquele momento não pode ser controlada.

O sentimento possui uma característica mais voltada para o lado cognitivo e surge nos momentos de tristeza ou alegria. Já a paixão tem uma função mais objetiva, ela também pode se manifestar quando o indivíduo domina o medo, como por exemplo, quando a utilizamos para salvar quem amamos do perigo.

Wallon parece se comprazer em busca-las e aprofunda-las. Toda sua teoria esta plena de causas que geram efeitos opostos, de caracterizações em que convivem qualidades antagônicas, alternando-se, sua análise se detém preferencialmente nos momentos de crise e contradição que marcam o processo de desenvolvimento (DANTAS, 1990, p.32).

Desse modo, os estudos realizados por Wallon (1954) conduzem o educador a realizar uma reflexão sobre a infância e seu campo diante do interesse das crianças e sobre as etapas de desenvolvimento que são tão características dessa fase da vida. A criança é um ser em formação e o educador não pode percebê-la como um adulto

em miniatura, é necessária pesquisa e análise em autores e documentos que contribuam para a construção de olhar respeitoso, amável e compreensivo, pois, sem essa dose extra de afetividade dentro do processo educativo, não é possível educar as crianças com amor.

Os muitos anos de educação a base da palmatória demonstram que não é possível que o educando se desenvolva de forma correta com técnicas ríspidas, com dureza e com a falta de carinho, os estudos realizados na obra de Wallon (1954) comprovam que além de ser educador, ele era psiquiatra e estudou profundamente as relações entre a afetividade e o desenvolvimento cognitivo da criança, o que reforça ainda mais a teoria de que educar é um ato de amor.

3.1 O desenvolvimento cognitivo

Dentro da abordagem sobre o desenvolvimento cognitivo Wallon destaca seus estudos dentro do universo infantil sempre observando a criança e o seu desenvolvimento como um todo. Para Wallon (2008), o ser humano é organismo antes de ser psiquismo, por isso a maturação orgânica é indispensável para a evolução funcional.

A afetividade contribui de forma efetiva para o desenvolvimento c3gnito da criança, a emo33o, o ato motor 3 para os estudiosos um campo funcional, que no in3cio da vida s3o imaturos, e conforme vai ocorrendo o desenvolvimento, elas v3o amadurecendo. Como esses campos s3o vinculados entre si, eles caracterizam o desenvolvimento em cada uma das fases do desenvolvimento infantil.

De acordo com Galv3o (1995), sustentado nessa concep33o dial3tica do desenvolvimento de Wallon (1954), destaca ainda que cada pessoa se desenvolve em ritmos pr3prios, por isso os par3metros propostos s3o sempre relativos.

Dentro dessa an3lise, vale ressaltar que o educador deve ter em mente que nem todas as crian3as conseguem realizar algumas tarefas ou compreender algo que outras aprendem com facilidade, pois, cada uma delas 3 um ser 3nico, que possui suas particularidades. E, portanto, as compara33es devem ser evitadas, priorizando assim o que ela aprendeu e o que poder3 ser aprendido.

Mahoney (2004) relata que ao incorporar esses conhecimentos a forma33o do professor sugere posturas mais abrangentes, por incluir em suas decis3es n3o s3o

considerações relativas ao cognitivo, mas também seu impacto sobre o motor e o afetivo.

Espera-se que o professor observe atentamente as crianças de modo a identificar conflitos, ajudando as crianças a superarem todas as barreiras que possam surgir em meio à realidade da sala de aula. A afetividade pode ser estudada em outras obras e o professor pode buscar alternativas para vivenciar todos os possíveis benefícios dessa atuação dentro do ambiente escolar.

É importante reconhecer a especificidade da infância, não permitindo que elas se isolem e conferir a cada uma delas o direito a uma educação digna e de qualidade, que a criança possa ter oportunidade de interagir, de brincar e de atribuir sentido às suas ações, atuando dessa forma o educador passa a reconhecer a infância como uma construção social da qual as crianças participam como atores sociais de pleno direito.

A partir dessa concepção, o afeto surge como um instrumento que proporciona a integração da criança com a aprendizagem através do afeto, da motivação e da conscientização. Embora a principal função da escola seja a efetivação do saber, fica evidente que não é possível dissociar as relações efetivas da possibilidade e do desenvolvimento da aprendizagem.

Almeida e Mahoney (2004) concordam que:

À medida que se desenvolvem cognitivamente, as necessidades afetivas das crianças tornam-se mais exigentes, por essa razão, passar afeto não inclui apenas beijar, abraçar, mas também conhecer, ouvir, conversar, admirar a criança. Conforme a idade da criança, faz-se mister, ultrapassar os limites do afeto epidérmico, exercendo uma ação cognitiva no nível, por exemplo, da linguagem (ALMEIDA E MAHONEY, 2004, p.198).

A educação das crianças necessita tomar por referência os estudos e pesquisas que tratam do desenvolvimento cognitivo para que a partir dessas análises possam realizar e concluir suas próprias experiências. Os estudos presentes na literatura são importantes e necessários, porém, cada realidade é ímpar e cada criança é especial em suas particularidades, o professor deve compreender que a realidade familiar possui influência direta na aprendizagem e que suas ações como educador também vão influenciar diretamente o íntimo e as lembranças dessa criança. É preciso mover-se para a construção da criança em todo sentido da palavra, pois existem vários fatores que condicionam o aprendizado.

Dentro dessa perspectiva é que se encontram as influências entre as relações e os campos funcionais, as relações familiares e as emoções, a razão e o

desenvolvimento motor. Cada um dos aspectos que rodeiam o universo infantil possui um direcionamento para a afetividade e o cognitivo é muito influenciado pelas emoções e pelas experiências que a criança vivencia. Logo, é predominante que os professores especialmente da Educação Infantil despertem o desenvolvimento cognitivo através da afetividade, cabendo a esse profissional incentivar a autonomia e a confiança buscando uma mediação para a construção da personalidade. Educar é cuidar, proporcionar momentos de amor e alegria. Uma aprendizagem saudável é aquela que contribui e dá possibilidades para que a criança possa explorar, descobrir e inventar em um movimento contínuo de aprendizagem.

3.2 Desenvolvimentos moral e autônomo

Como as relações de afetividade podem contribuir com o desenvolvimento moral e autônomo das crianças? Uma busca de responder essa questão aponta-se como fator de desenvolvimento autônomo a utilização da proposta lúdica dentro da sala de aula. Tais atividades que envolvem o jogo e as brincadeiras possuem um potencial muito elevado de corrigir posturas e contribuem para o desenvolvimento da autonomia da criança.

“O principal indicador da brincadeira, entre as crianças, é o papel que assumem enquanto brincam”. Ao brincar a criança aprende regras, aprende a dividir com o outro, o que não é uma tarefa muito fácil e também aprende noções de espaço, de respeito e vai aprimorando suas capacidades de conviver com as decepções e a com derrota” (RCNEI, 1998, p.27).

Essa vivência com as decepções e com o fato de perder é muito importante, pois, é necessário que esse conhecimento seja adquirido para ser utilizado na vida social, pessoal e profissional. Muitos jovens e adultos convivem com essa dificuldade de não saberem lidar com esse tipo de situação, e por essa razão a brincadeira surge como uma ferramenta riquíssima para o trabalho com o domínio das próprias emoções.

Por meio das brincadeiras os professores podem observar e constituir uma visão dos processos de desenvolvimento das crianças em conjunto, e de cada uma em particular, registrando suas capacidades de uso da linguagem, assim como de suas capacidades sociais e dos recursos afetivos e emocionais que dispõem. (RCNEI, 1998, p.28)

Desse modo, as brincadeiras e jogos podem ser utilizados para verificação de desenvolvimento infantil em diversas áreas do conhecimento, é possível também

acompanhar o desenvolvimento motor, da oralidade e da autonomia, por exemplo, quando a criança consegue realizar tarefas ou movimentos que não realizava anteriormente, e até mesmo situações envolvendo as emoções, como por exemplo, o controle das birras, dos choros e situações de descontroles como raiva e outras situações, permitir que ela desenvolva algumas funções sozinhas trabalhando a independência com a mediação do adulto, mas apenas quando necessário. Pois se percebe a necessidade de estímulos, elogios e palavras de incentivo traz grande significado na vida da criança; ela precisa saber que é capaz de desenvolver tarefas que muitas vezes parece simples para o adulto, mas para ela tem grande significado. Essas atitudes despertará o melhor de cada um, já em contra partida atitudes ríspidas, palavras desanimadoras desenvolverá no educando uma apatia e descontentamento que influenciará na sua aprendizagem. A educação Infantil é uma das etapas da formação da criança, pois é onde ela começa experimentar o mundo fora do núcleo familiar, faz novos amigos, aprende a conviver com as diferenças e faz várias descobertas em todas as áreas do conhecimento,

Hoje, não podemos ver a educação infantil como um lugar onde são realizadas os cuidados básicos de higiene e alimentação e sim, onde educar e cuidar estejam agregados e mais ainda, onde laços de afetividade sejam experimentados.

É de grande importância os primeiros anos de vida para a construção dos alicerces da personalidade e do conhecimento.

Para a realização do desenvolvimento da autonomia dentro da educação infantil, é necessário que o professor tenha consciência das atividades que ele vai realizar que vínculos afetivos já foram desenvolvidos e quais podem ser desenvolvidos com o objetivo de contribuir com o processo de ensino e aprendizagem. Essa autonomia desenvolvida pela criança através da afetividade também pode ser chamada de personalidade.

O desenvolvimento da personalidade é complexo e moldado por um grande número de fatores e esses fatores desempenham um papel importante na determinação do comportamento.

Para Piaget (195, p.265) “afeto e cognição resultam de uma adaptação contínua e interdependente, em que os sentimentos exprimem os interesses e os valores das ações ou das estruturas inteligentes”.

É imprescindível então, que no contexto possam se envolver com o ato de educar e promovam estratégias para desenvolver a afetividade entre os alunos com o objetivo de desenvolver essa autonomia no educando, buscando sempre construir os conhecimentos por meio da interação, pois, o sujeito aprende quando se envolve afetivamente na construção dos próprios conhecimentos.

Nas interações do cotidiano eles aprendem regras básicas como, por exemplo: Esperar sua vez em uma determinada brincadeira, que nem sempre se ganha em um jogo, precisa respeitar os colegas, assim o seu caráter será construído e fortalecido.

4. TRAÇANDO OS CAMINHOS METODOLÓGICOS DA INVESTIGAÇÃO

Neste capítulo abordamos a metodologia que adotamos para nossa investigação, bem como as razões da pesquisa, os nossos objetivos, os sujeitos participantes e as características da pesquisa.

4.1 Metodologia da investigação

As razões que me levaram a escolha dessa temática se deram através das observações e inquietações que tivemos no centro de educação infantil no qual trabalhei, onde percebi a ausência de afetividade na relação de uma das professoras com seus alunos. Visto que por minhas experiências em sala de aula considero primordial o professor ter uma relação mais próxima de seus alunos, para que eles se sintam mais motivados e vejam no professor uma referência de educador que está sempre disposto a ajudar e a ensinar com amor.

Sem dúvida não há saber pronto e acabado, mas há professores que buscam se adaptar a essas mudanças, adquirindo novos saberes e os aperfeiçoando, não passando despercebidos pelos alunos. Paulo Freire (1996), o professor não pode passar despercebido por seus alunos, porque a maneira como ele é visto implica no cumprimento de sua tarefa enquanto educador e requer da parte deles certos cuidados.

Para entendermos que os professores atuantes na educação infantil já estão vivenciando diversas práticas no que se refere as emoções e os sentimentos na sala de aula, propomos a seguinte questão: **Como integrar a afetividade a prática pedagógica para que se tenha uma educação de qualidade na educação infantil?**

No propósito de encontrarmos as respostas para o nosso questionamento, apresentamos os objetivos que orientaram a pesquisa:

Objetivo Geral:

- Abordar a importância da relação afetiva no desenvolvimento educacional.

Objetivos Específicos:

- Entender como essa relação de afeto pode contribuir no desenvolvimento educacional;
- Identificar os fatores que sustentam o relacionamento entre professor/aluno;
- Analisar a relação afetiva estabelecida entre professor/aluno.

4.2. Os sujeitos participantes

Visto que os professores que já atuam em sala de aula se dispõem no seu cotidiano de vários saberes, sendo eles proporcionados pela sua carreira docente ou práticas validadas em sua atuação, escolhemos como sujeitos da pesquisa duas professoras e um professor de corpo e movimento que atuam no CMEI Benedito Rufino.

A professora Josivane é licenciada em Pedagogia com pós graduação em Política de Promoção da Igualdade Racial e atua na rede municipal de ensino a 5 anos na educação infantil, é concursada e muito dinâmica e está sempre se aperfeiçoando para oferecer o melhor para os seus alunos.

A professora Cassia é licenciada em Letras e atua na rede municipal de ensino a 15 anos na educação infantil, é concursada e muito competente no que faz e sempre está em busca de novas metodologias para seus alunos.

O professor Protássio Bezerra licenciado em educação física que atua na rede municipal de ensino a 2 anos.

4.3 Características da pesquisa

De acordo com Condurú (2006):

[...] os dados são coletados, organizados e analisados como complemento ao interesse maior da pesquisa, no caso o significado, o processo em curso. Nesse Método, o pesquisador participa diretamente compreendendo e interpretando os fatos a partir de observações em campo, contato com grupos, entrevistas e análise de documento e bibliografia (CONDURÚ, 2006, p. 32).

De acordo com a contribuição da autora, enquanto natureza da pesquisa, nossa abordagem será de caráter qualitativo.

Para Teixeira (2008) na pesquisa qualitativa o pesquisador procura reduzir a distância entre teoria e os dados, entre o contexto e a ação, usando a lógica da análise fenomenológica, isto é, da compreensão dos fenômenos pela sua descrição e interpretação.

Conforme Andrade (2009) cada pesquisa tem sua metodologia e exige técnicas específicas para obtenção de dados. Ao escolher os métodos, as técnicas a serem utilizadas serão selecionadas de acordo com os objetivos da pesquisa.

A pesquisa nos permitiu o acesso melhor ao conhecimento sobre a relação professor/aluno, o que auxiliará não só na discussão sobre o problema, mas para apontar as posturas existentes, programar novos comportamentos e ações no que diz respeito aos pressupostos que irão dar suporte para essa relação professor/aluno em suas múltiplas determinações no referido CMEI.

4.4. Instrumentos

No intuito de alcançar os objetivos usaremos como instrumento a entrevista semiestruturada. Pois possibilita ao pesquisador de interpretar cada gesto e atitude de forma minuciosa, cada resposta, cada expressão apresentada na fala do pesquisado, que também servirá de dados a serem analisados juntamente com o conteúdo da entrevista.

Para Trivinos (1987) a:

(...) entrevista semiestruturada, em geral aquela que parte de certos questionamentos básicos, apoiados em teorias; hipóteses, que interessam a pesquisa, e que, em seguida oferece amplo campo de interrogativas, frutam de nossas hipóteses que vão surgindo à medida que recebem as respostas do informante. Desta maneira, o informante, seguindo espontaneamente a linha de seu pensamento e de suas experiências dentro do foco principal colocado pelo investigador, começa a participar na elaboração do conteúdo da pesquisa. (TRIVINOS, 1987, p. 146).

Sendo assim, na coleta de dados norteada pela abordagem da pesquisa qualitativa, foi utilizado como instrumento a entrevista semiestruturada aplicados aos sujeitos da pesquisa que já foi mencionado acima às razões pela qual se preferiu tal método.

4.5 Lócus da Pesquisa

A pesquisa se deu no CMEI Benedito Rufino da Silva tem como órgão mantenedor a SEMED do Município de Castanhal/PA, localizada na Avenida Altamira 200, Bairro Cristo Redentor, CEP 68742-310.

O Centro Municipal de Educação Infantil “Benedito Rufino” está localizado no Município de Castanhal (PA), cidade do interior da capital paraense, distante 68 km da capital, Belém. Foi inaugurado no dia 20 (vinte) de novembro de 2015, atualmente oferece a modalidade da Educação Infantil dividido em dois turnos com turmas de 4 e 5 anos num total de 200 crianças.

A estrutura Física do CMEI é de pequeno porte. Possui as seguintes dependências: quatro (4) salas de aula, sendo que duas funcionam as turmas de quatro (4) anos tem banheiro dentro e berçário além de ter uma área gradeada, duas (2) salas onde funcionam as duas turmas de cinco (5) anos que também tem a área gradeada, seis (6) banheiros sendo que três adaptados para as crianças cadeirantes e três (3) para funcionários, uma (1) sala para professores, uma (1) secretaria, uma (1) sala do gestor, uma (1) cozinha composta com quatro partes: uma para lavar os alimentos, uma para fazer o lanche das crianças, uma para lavar as louças utilizadas no lanche e uma para os professores, uma (1) sala multifuncional, poço artesiano, horta e área para o lanche.

A escola tem em seu quadro de funcionários: seis (6) professoras de educação geral graduadas em pedagogia, letras e magistério, uma (1) coordenadora em pedagogia, um (1) gestor graduado em administração, uma (1) psicopedagoga, uma (1) Assistente Social, uma (1) professora auxiliar, uma (1) professora do projeto meio ambiente, um (1) professor de corpo e movimento, uma (1) secretária com escolaridade superior sendo também graduada em pedagogia, um (3) auxiliar de secretaria com escolaridade em pedagogia e magistério, quatro (4) serventes, duas (2) merendeiras com graduação em pedagogia, assistente social e magistério, dois (2) guarda noturno com escolaridade em ensino médio completo. Destes funcionários 15 são contratados e 10 são concursados.

As dependências do CMEI, em geral, encontram-se em bom estado de conservação, pois tem 3 anos de funcionamento.

4.6 Análise e Discussão

Neste capítulo apresentamos as análises realizadas a partir da questão inicial que propomos a responder: **Como integrar a afetividade a prática pedagógica para que se tenha uma educação de qualidade na educação infantil? Um olhar a partir da fala das professoras?** Desse modo, demos um valor significativo necessários aos educadores da educação infantil, com base nos autores que abordam essa temática.

4.7. Fala dos sujeitos

Inicialmente os professores foram questionados sobre como integrar a afetividade a prática pedagógica para que se tenha uma educação de qualidade na educação infantil, obtemos a seguinte resposta:

A prática pedagógica na educação infantil está interligada a afetividade na maneira como as crianças são vistas como pessoas em formação que necessitam de apoio e incentivo no seu desenvolvimento. O encorajamento com afeto, com delicadeza levará ao desenvolvimento do aluno de forma favorável estimulando sua autonomia de maneira prazerosa.

Professora Cássia

É uma discussão que precisa ser iniciada no curso de formação de professores e deve seguir até os cursos de aperfeiçoamento, como disse anteriormente nós estamos em constante aprendizado, as crianças de hoje não são como as crianças de antigamente, trazem outras demandas, outras emoções que nós devemos estar preparados para lidar. A escola também precisa ter uma base sólida de organização de sua dinâmica de trabalho para receber as crianças e oferecer a elas condições necessárias de desenvolver o seu cognitivo e seu emocional.

Professora Josivane

É preciso estabelecer uma relação de confiança entre alunos e professores. Quando existe essa reciprocidade em sala de aula, os alunos sentem mais vontade de aprender e os professores mais vontade de ensinar e acaba aprimorando sua prática pedagógica, seu processo didático entre outros.

Protássio Bezerra

Assim, nota-se que os professores perceberam a importância da afetividade no processo ensino-aprendizagem como fundamental para que consiga atingir seu propósito que é o desenvolvimento integral dos alunos, mas deixam bem claro que não é responsabilidade só do professor mas da escola e família.

Sendo assim, é indispensável que a escola e a família estejam em harmonia com os professores, uma vez que essa relação harmoniosa só pode enriquecer e facilitar o desempenho educacional das crianças.

Quando se imagina uma escola baseada no processo de interação, não se está pensando em um lugar onde cada um faz o que quer, mas num espaço de construção,

de valorização e respeito, no qual todos se sintam mobilizados e pensem em conjunto.

Na teoria de Vygotsky (1984), é importante perceber que como o aluno se constitui na relação com o outro, a escola é um local privilegiado em reunir grupos bem diferenciados a serem trabalhados. Essa realidade acaba contribuindo para que, no conjunto de tantas vozes, as singularidades de cada um sejam respeitadas.

Portanto, para Vygotsky (1984), a sala de aula é, sem dúvida, um dos espaços mais oportunos para a construção de ações partilhadas entre os sujeitos. A mediação é, portanto, um elo que se realiza numa interação constante no processo ensino-aprendizagem. Pode-se dizer também que o ato de educar é nutrido pelas relações estabelecidas entre educador e educando.

Quando questionados sobre se a criança aprende quando o professor não tem uma relação de afeto com seus alunos? Os professores responderam da seguinte maneira:

A criança aprende se não houver essa relação de afetividade entre professor/aluno porque a aprendizagem acontece de formas diferentes. Porém só será significativa quando trouxer enriquecimento na vida do aluno. E a relação afetiva neste momento será o diferencial da aprendizagem.

Professora Cássia

Talvez até aprenda, nós estamos em constante aprendizado, porém a forma de aprender deixa marcas e estabelece um aprendizado de forma mais acolhedora com certeza será mais significativa.

Professora Josivane

A criança aprende, mas ter uma convivência com seus educandos ao invés de uma rotina conflituosa e de tensão, é ótima forma de garantir um ambiente saudável que é muito mais propício ao aprendizado.

Protássio Bezerra

De acordo com as respostas dos professores é notório que ambos disseram que os educandos aprendem se não houver uma relação de afeto entre eles mas, que porém a aprendizagem não será tão significativa.

A influência mais importante no processo escolar é exercida pelo professor; então é preciso que ele compreenda a origem do desenvolvimento emocional e o comportamento da criança em todas as manifestações. De modo que Souza (1970) diz:

Para que haja um desenvolvimento harmonioso é importante satisfazer a necessidade fundamental da criança que é o amor. (...) O professor, na sua responsabilidade e no seu conhecimento da importância de sua

atuação, pode produzir modificações no comportamento infantil, transformando as condições negativas através das experiências positivas que pode proporcionar. Estabelecerá, assim, de forma correta, o seu relacionamento com a criança, levando-a a vencer suas dificuldades (SOUZA,1970, p.10-11).

Diante das discussões apresentadas nesta pesquisa, percebe-se o quanto o professor é importante no processo de aprendizagem. A escola deve participar da construção da personalidade e o professor precisa conhecer cada um de seus alunos, saber suas limitações e dificuldades, criar um espaço onde as crianças possam expressar seus medos, suas alegrias e amizades.

Buscou-se por meio da apresentação e discussão de alguns dados, apontar questões pertinentes a problematização inicial da pesquisa.

Por meio dos aspectos fundamentados nas discussões dos autores e na fala dos professores conclui-se que a afetividade manifestada na relação entre professor e aluno constitui elemento inseparável no processo de construção do conhecimento, uma vez que a qualidade da interação pedagógica vai conferir um sentido afetivo para o objeto do conhecimento.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após todo o caminho percorrido com essa pesquisa, gostaria de fazer um balanço de seu processo e de seu produto: do processo, visando focar todas as situações que contribuíram para o aprimoramento de minha prática como profissional da educação, e do produto como instrumento para contribuir nas discussões e na formação dos professores.

Utilizando-me dos relatos orais e escritos das professoras pude distinguir que ambas as professoras conseguiram integrar a afetividade em suas práticas pedagógicas.

Descobri que nossa atuação deixa marcas em nossos alunos. Marcas que colaboram (ou não) para que os alunos sigam, confiantes, em seus objetivos.

Entre outras descobertas que considero significativas, posso concluir que as interações e as relações de ensino podem transformar o desenvolvimento do aluno, na medida em que as experiências vividas em sala de aula determinam a natureza afetiva da relação do aluno com o objeto do conhecimento. Descobri também que a qualidade da mediação desenvolvida pelo professor pode gerar diferentes tipos de sentimentos na relação do aluno com o objeto do conhecimento.

E uma mesma marca afeta cada um de forma diferente. Em alguns, é geradora de desânimo, de tristeza e até mesmo de isolamento.

Acredito, também, que este trabalho fornecerá algumas pistas para pesquisas mais aprofundadas. Considero que a figura do professor da educação infantil seja um assunto que necessite de maior discussão. Todavia, acredito que a proposta de integrar a afetividade as práticas pedagógicas no processo ensino-aprendizagem foi contemplada.

REFERÊNCIAS

ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de Filosofia**. 21ª ed., São Paulo: Martins Fontes, 1998.

ALFANDÉRY, GRATIT, Hélène. **Henry Wallon**. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, Editora Massangana, 2010.

ALMEIDA, Laurinda R. **A questão do Eu e do Outro na Psicogenética walloniana**. Estudos de Psicologia, Campinas, 1999.

ALMEIDA, Laurinda R. **A constituição da pessoa na proposta de Henry Wallon**. Psicologia e Educação, 7ª ed. São Paulo: Loyola, 2004.

BRASIL **Programa de Desenvolvimento Educacional- PDE**. Secretaria de Estado da Educação/Superintendência da Educação, 2007.

BRASIL, **Referencial Curricular Para a Educação Infantil**. Vol. 1. Brasília: MEC/SEI, 1998.

BRASIL. **Estatuto da criança e do Adolescente**. Lei nº 8069, de julho de 1990.

BRASIL. **Lei de diretrizes e bases da educação**. Lei nº 9424, de dezembro de 1996.

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais**. Brasília: MEC/SEF, 1998.

BRASIL. Secretaria de Educação Básica. Diretoria de Apoio à Gestão Educacional. **Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa**. Brasília: MEC, SEB, 2015.

COMENIUS, Jan Amos. **Didática Magna**. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

DANTAS, Heloysa, **A infância da razão**. São Paulo: Editora Manole, 1990.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: Saberes necessários à prática educativa.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

GALVÃO, Isabel. **Henry Wallon.** Uma concepção dialética do desenvolvimento infantil. Petrópolis: Vozes, 1995.

MAHONEY, A. A. Almeida. **A constituição da pessoa na proposta de Henry Wallon.** São Paulo: Loyola, 2004.

PIAGET, Jean. **A representação do mundo da criança.** Rio de Janeiro: Record, 1975.

POLÔNIA, A. C, & Dessen, M. A. **Em busca de uma compreensão das relações entre família e escola.** Psicologia Escolar e Educacional, 2005.

SALTINI, Cláudio. **Afetividade e inteligência.** Rio de Janeiro, Ed. Wak, 2008.

WALLON, H. (Patrícia Junqueira). **Coleção educadores do MEC.** 2ª edição. Fundação Joaquim Nobuco. Editora: Massangana, 2007.

WALLON, H. **Do ato ao pensamento.** Petrópolis: Vozes, 2008.

WALLON, H. **Psicologia e educação na infância.** Lisboa: Editora Estampa, 1954.

VYGOTSKY, L. **A formação social da mente.** São Paulo: Martins Fontes, 1984.

WALLON, H. **Afetividade, aprendizagem e educação de jovens e adultos.** São Paulo: Loyola, 2012.

WALLON, H. **Afetividade e aprendizagem.** São Paulo: Edições Loyola, 2007.

CONDURÚ, M. T. **Elaboração de trabalhos acadêmicos – normas, critérios e procedimentos.** 2ª Ed. rev. ampl. e atual. Belém: NUMA, UFPA, EDUFPA, 2006.

_____. **Elaboração de trabalhos acadêmicos: normas, critérios e procedimentos.** 5. ed. rev. ampl. e atual. Belém, 2013.

TRIVINOS, Augusto. **Introdução a pesquisa em ciências sociais:** a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 1987.

TASSONI, E.C.M. **Afetividade e aprendizagem:** a relação professor aluno. Anuário 2000.GT Psicologia da Educação, Amped, Setembro de 2000.

SOUZA, Iracy Sá de. **Psicologia: a aprendizagem e seus problemas.** 2ª Ed. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio, 1970.

ANEXOS A – O Roteiro da Entrevista

Entrevista com o professor

Nome:

Idade:

Formação:

Quantos de docência:

Faixa Etária que atua:

- 1) Como você avalia a sua turma?
- 2) Como é a sua relação com a turma?
- 3) Como professor(a), você se envolve nas dificuldades vivenciadas por seu aluno em seu cotidiano? Como isso ocorre?
- 4) Você valoriza aspectos afetivos na formação do indivíduo?
- 5) Como é a sua relação com os responsáveis?
- 6) Você se considera uma boa profissional?
- 7) O que é a escuta sensível?
- 8) Qual a definição de afeto?
- 9) Você acha que a criança aprende quando o professor não tem uma relação de afeto com seus alunos?
- 10) Qual a importância dos laços afetivos entre professor/aluno?
- 11) Como integrar a afetividade a prática pedagógica para que tenha uma educação de qualidade na educação infantil?